



## Artigo

# Balbúrdia: a polissemia enquanto interpretante do confronto entre vozes sociais

**“Balbúrdia”: polysemy whilst interpreting of conflict between social voices**

**Débora Luciene Porto Boenavides**<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre-RS, Brasil

### Resumo

Este artigo objetiva analisar a polissemia enquanto interpretante dos confrontos entre vozes sociais, tendo como base a teoria dialógica do discurso e a teoria enunciativa de Benveniste. Para isso, verifica-se de que modo a polissemia marca o confronto entre vozes sociais: a) como designação opressora dada pelos grupos dominantes aos oprimidos e como estratégia de revalorização de vocábulos opressores por grupos oprimidos; b) como designação crítica dos grupos dominados aos seus opressores e como tentativa do grupo dominante de revalorizar/neutralizar as denominações críticas dadas a ele pelos grupos oprimidos. Após, observa-se um exemplo contemporâneo do citado fenômeno: a revalorização vocabular da palavra “balbúrdia”, em 2019, por estudantes universitários brasileiros, em resposta a um enunciado polêmico de Abraham Weintraub, enquanto Ministro da Educação da atual gestão. Constata-se que as contradições sociais não se encerram em um ou outro enunciado, devendo ser observadas através do diálogo travado entre as diferentes vozes sociais.

### Abstract

This article aims to analyse the polysemy as an interpreting of conflicts between social voices, and it is based on the dialogical theory of discourse and on the enunciation theory of Benveniste. To do so, it is verified the way polysemy marks the confrontation between social voices: a) as an oppressive designation given by dominant groups to the oppressed people and as a strategy of revaluation of the oppressive words by oppressed groups and b) as a critical designation of the dominated groups to their oppressors and as an attempt of the dominant group to reevaluate/neutralize the critical dominations given to it by the oppressed groups. Then, it is observed a contemporary example of the mentioned phenomenon: the word revaluation of “balbúrdia”, in 2019, used by Brazilian university students, in response to a polemic statement of Abraham Weintraub, Minister of Education of the current management. It is found that the social contradictions do not enclose in one or other statement, they should be observed through the dialogue established between different social voices.

**Palavras-chave:** “Balbúrdia”, Contradições sociais, Polissemia, Revalorização vocabular

**Keywords:** “Balbúrdia”, Social contradictions, Polysemy, Word revaluation

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística. ORCID id: <http://orcid.org/0000-0002-4389-8784>  
E-mail: [professoradeboraporto@gmail.com](mailto:professoradeboraporto@gmail.com)

## Considerações Iniciais

*"[...]bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver."* (BENVENISTE, 2006, p. 222)

*"Viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida."* (BAKHTIN, 1997[1920-24], p. 202)

Há muito tempo, os estudiosos da linguagem vêm discutindo uma série de questões que, embora bastante debatidas, permanecem atuais. O que é e para que serve a língua/linguagem? Como definir o signo linguístico? Qual a relação entre linguagem e sociedade?

As duas citações escolhidas como epígrafe deste artigo não foram colocadas em relação por acaso. Se a linguagem serve para viver, e se viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida, a linguagem, por certo, assim como a vida, é impregnada por valorações sociais. Aí está a resposta ao questionamento sobre a relação entre a linguagem e a sociedade, uma vez que "Tudo o que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistemas de valores. Da articulação entre os valores. [...] Estes valores são os que se imprimem na língua" (BENVENISTE, 2006, p. 22).

As valorações sociais, no entanto, só são possíveis devido à existência de um grande diálogo social. Cada enunciado é, segundo Bakhtin (2010, p. 271-272), prenhe de resposta, um elo em uma grande e complexa cadeia discursiva. Por esse motivo, "Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (a voz dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas que soam concomitantemente" (BAKHTIN, 2010, p. 330).

Por sua vez, este grande diálogo social descreve (reflete) e interpreta (refrata) as relações sociais, e, portanto, suas contradições. Estas contradições não devem ser pensadas apenas enquanto antagonismos, isto é, como luta, contrariedade, oposição, mas também enquanto uma condição intrínseca à vida, ao movimento da história, como convivência, coexistência, relação.

De acordo com Bakhtin (2010) e Benveniste (2006), as palavras, enquanto potencialidade de uso, não pertencem a ninguém, são neutras, adaptáveis (embora, como sabemos, existam forças centrípetas, que buscam a homogeneização dos sentidos das palavras, ou um estabelecimento do seu sentido como sendo "o principal"). Uma consequência dessa possibilidade de adaptação é "que as palavras contraem valores que em si mesmas elas não possuíam e que são até mesmo contraditórios com aqueles que elas possuem em outros lugares" (BENVENISTE, 2006, p. 232). As palavras "podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes" (BAKHTIN, 2010, p. 290).

Pois bem, é dessa plurivalência/pluriacentuação, dessa possibilidade de polissemia que trataremos neste trabalho. Analisaremos a polissemia enquanto interpretante dos confrontos entre vozes sociais, tendo como base a teoria dialógica do discurso (em especial, os textos "*Marxismo e Filosofia da Linguagem*" (2017) e "*A Construção da Enunciação e Outros Ensaio*s" (2013),

de Volochínov e “*Estética da Criação Verbal*” (2010), de Bakhtin ) e a teoria enunciativa de Benveniste (da obra *Problemas de Linguística Geral II* (2006): “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” e “A forma e o sentido na linguagem”).

Para isso, no próximo item, faremos alguns apontamentos sobre a polissemia/plurivalência do signo linguístico, pensando nessa polissemia enquanto confronto entre vozes sociais: a) como designação opressora dos grupos dominantes aos seus dominados e como estratégia de revalorização de vocábulos opressores por grupos oprimidos; b) como designação crítica dos grupos dominados aos seus opressores e como tentativa do grupo dominante de revalorizar/neutralizar as denominações críticas dadas a ele pelos grupos oprimidos.

Após, será observado um exemplo contemporâneo do citado fenômeno. Analisaremos a revalorização vocabular empreendida por meio do uso irônico da palavra “balbúrdia”, em 2019, por integrantes de movimentos estudantis brasileiros, em resposta a um enunciado polêmico de um dos Ministros da Educação do governo bolsonarista<sup>2</sup>, Abraham Weintraub, buscando interpretar de que modo a polissemia pode ser considerada como um interpretante desse confronto.

## 2. Apontamentos sobre a polissemia/plurivalência do signo linguístico

Uma problemática ainda discutida pelos estudos enunciativos da linguagem é a questão da polissemia do signo linguístico, em especial, quando tal plurivalência implica na contradição entre os sentidos de uma palavra. Muito longe de ter um sentido lógico, essa contradição apresenta-se como uma das características da dialética. Para compreender esse fenômeno, é necessário, primeiramente, que se compreenda o sentido dessa contradição enquanto categoria de análise do enunciado, considerando as relações existentes entre linguagem e sociedade, entre polissemia e pluriacentuação, entre sociedade, variação e mudança linguística e, também, entre a designação e o confronto entre vozes sociais. Estes conceitos serão discutidos brevemente nesta seção.

### 2.1 A contradição social e as relações entre linguagem e sociedade

A contradição, para a dialética materialista, é o motor de toda a mudança, seja ela histórica (ocasionada pela ação humana) ou natural. Em sua obra *Anti-Dühring*, Engels (2014 [1878], p.112) afirma que o movimento é a forma de existência da matéria e que em todo o movimento (ENGELS, 2014 [1878], p.187) existe alguma contradição. Assim, a contradição é também um elemento da vida, posto que um ser, a cada instante, permanece o mesmo, mas transforma-se em outro também. Quando essa contradição cessa, a vida cessa, restando a morte do ser. A contradição é assim o motor da vida, e, por esse motivo, o motor da história, que gera o movimento do progresso (enquanto mudança, evolução, passagem do tempo) sem fim.

---

<sup>2</sup> Abraham Weintraub foi Ministro da Educação entre abril de 2019 e junho de 2020.

Em seu texto "Estrutura da língua e estrutura da sociedade", Benveniste (2003) apresenta a contradição existente na relação entre língua e sociedade. O autor inicia o texto justamente apontando este enfoque: "Senhoras e senhores, vou tratar de um assunto que leva tanto a expor o óbvio quanto a colocar uma contradição" (BENVENISTE 2003, p. 93).

Benveniste explica a relação entre linguagem e sociedade através de uma argumentação sobre um fato óbvio: a linguagem é o único meio que os seres humanos possuem para se comunicar, logo, a linguagem pressupõe o outro, assim como a sociedade. O autor apresenta essa relação de forma dialética: a sociedade é dada com a linguagem, que a sustenta, pelo uso comum de signos de comunicação.

Porém, mesmo que se relacionem, língua e sociedade "evoluem separadamente. A sociedade e a cultura inerente à sociedade são independentes da língua" (BENVENISTE, 2003, p. 94). Cabe ressaltar, no entanto, que tal afirmação diz respeito à estrutura da língua. Sobre a questão das designações, o autor apresenta a seguinte visão:

Língua e sociedade são para os homens realidades inconscientes, uma e outra representam a natureza, se assim se pode dizer, o meio natural e a expressão natural, coisas que não podem ser concebidas como outras que não são e que não podem ser imaginadas como ausentes. [...] Nem uma nem a outra podem ser mudadas pela vontade dos homens. **O que os homens vêem mudar, o que eles podem mudar, o que eles efetivamente mudam através da história, são as instituições, às vezes a forma inteira de uma sociedade particular, mas nunca o princípio da sociedade que é o suporte e a condição da vida coletiva e individual. Da mesma maneira, o que muda na língua, o que os homens podem mudar, são as designações, que se multiplicam, que se substituem e que são sempre conscientes, mas jamais o sistema fundamental da língua.** É que se a diversificação constante, crescente das atividades sociais, das necessidades, das noções, exige designações sempre novas, é preciso que em troca exista uma força unificante que faça equilíbrio. Acima das classes, acima dos grupos e das atividades particularizadas, reina um poder coesivo que faz uma comunidade de um agregado de indivíduos e que cria a própria possibilidade da produção e da subsistência coletiva. Este poder é a língua e apenas a língua. É porque a língua representa uma permanência no seio da sociedade que muda, uma constância que interliga as atividades sempre diversificadas. Ela é uma identidade em meio às diversidades individuais. E daí procede a dupla natureza profundamente paradoxal da língua, ao mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade. Esta dualidade se reencontra em todas as propriedades da linguagem. (BENVENISTE, 2003, p. 96, grifos nossos).

As instituições das quais fala Benveniste (2003) também são abordadas por Bakhtin, que as nos apresenta como responsáveis pelos valores sociais (tons apreciativos) que circulam em uma sociedade:

em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época, e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. Sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos "senhores do pensamento" de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas, etc. (BAKHTIN, p. 54).

Se as instituições e as designações podem ser mudadas por vontade dos homens, há a possibilidade de inferir que uma mudança nas instituições, responsáveis pelas valorações sociais é capaz de alterar as designações vinculadas à determinada sociedade. Por outro lado, é possível pensar que o contrário também possa ocorrer, uma vez que

os valores estabilizados na sociedade são estabilizados na linguagem, existindo uma interinfluência entre estes valores, podendo a mudança dos modos de pensar de uma sociedade transformar o tom apreciativo de uma palavra da língua, e, talvez em menor escala, o oposto possa também ocorrer. (BOENAVIDES, 2019, p. 7).

Na história, temos diversos exemplos de como a mudanças das instituições, que alteram os valores que circulam em uma sociedade, ocasionam mudanças nas designações. A autoridade da religião Católica na sociedade medieval de Portugal fez com que aquela instituição interferisse na designação dos dias da semana na língua portuguesa. Após o Primeiro Concílio de Braga (563 d.C.), realizado pela Igreja Católica em solo português, foi determinada para diminuir a influência das religiões ditas pagãs no país.

Na URSS, durante o governo stalinista, houve também uma tentativa semelhante de mudança na designação temporal, desta vez, do calendário como um todo. O "calendário revolucionário soviético", no entanto, embora tenha sido aclamado por Stálin, acabou sendo rechaçado pela população, que continuou adotando as denominações e a estrutura do calendário gregoriano. A partir destes dois exemplos, é possível perceber que é possível que a mudança nos valores sociais altere as designações, mas que nem sempre isso ocorre.

Isso porque, obviamente, tal direito (que as novas instituições possuem de mudar as designações) não advém apenas de uma mudança simples nas instituições, mas das relações de poder construídas por essas instituições. Esse é, no entanto, um assunto que precisa ser aprofundado, por meio de análises mais detalhadas das relações de poder e de como o fato

linguístico e social citado, o direito de transformar as designações, as interpretam.

Benveniste (2003, p. 97) formula duas proposições sobre a relação entre língua e sociedade: a) a língua é o interpretante da sociedade e b) a língua contém a sociedade. A primeira proposição é explicada da seguinte maneira: "A sociedade torna-se significante na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência da língua". Já a segunda é depreendida pelo fato de que é "impossível descrever a sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões lingüísticas. Neste sentido a língua inclui a sociedade, mas não é incluída por esta". A língua tem, assim, o poder de interpretar e descrever a sociedade, o que o autor chama de semantismo social.

Essa explicação dada por Benveniste (2003) assemelha-se, como já mostrado, ao conceito de reflexo e refração do ser no signo linguístico, apresentado por Bakhtin/Volochínov (2010, p. 47). O reflexo estaria para o fato de a língua, mais especificamente, o signo, incluir a língua, a descrevendo. A refração, por outro lado, seria a capacidade do signo de ser interpretante da realidade.

## 2.2 A polissemia e a pluriacentuação

Sobre o fato de a língua refletir/descrever a realidade:

Os testemunhos que a língua [...] só adquirem todo seu valor se eles forem ligados entre eles e coordenados à sua referência. [...] O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram. Aí está um fato de experiência freqüente e que se verifica constantemente, e os melhores exemplos são precisamente o termo "língua" e o termo "sociedade" que estamos utilizando agora a cada instante. A diversidade das referências que se pode dar a um e a outro destes dois termos é o testemunho e a condição do emprego que devemos fazer das formas. **O que se chama de polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de subsumir em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação.**\_(BENVENISTE, 2003, p. 100, grifos nossos).

Observemos que, neste trecho, Benveniste [indicar ano da obra] traz uma concepção de polissemia que se presta bastante à análise desta enquanto confronto entre vozes sociais. Em um outro texto seu, também presente em *Problemas de Linguística Geral II*, "A forma e o sentido na linguagem", o autor completa sua conceituação, dizendo que

O que se chama de polissemia não é senão a soma institucionalizada, se pudermos falar assim, destes valores contextuais, sempre instantâneos, aptos a se enriquecer e a

desaparecer, em resumo, sem permanência, sem valor constante. (BENVENISTE, 2003, p. 232).

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017) apresenta sua conceituação a respeito da polissemia. O autor defende que "O sentido da palavra é inteiramente determinado por seu contexto. Na verdade, existem tantas significações para uma palavra quantos contextos de seu uso. No entanto, nem a palavra não perde sua unicidade" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 196). A partir dessa defesa, Volóchinov questiona "como equilibrar a polissemia essencial da palavra com a sua unicidade?" (2017, p. 196). A resposta para essa pergunta é respondida pelo próprio autor: o estudo da polissemia é indissociável do estudo da pluriacentuação.

A palavra pluriacentuada/plurivalente/polissêmica possui sentido determinado pelo contexto e, para ser analisada com a sua valoração real, necessita, como disse Benveniste (2003), ser coordenada ao seu referente. Temos como exemplo básico a palavra igualdade, que pode designar conceitos extremamente diversos entre si, tanto que é preciso adjetivar tal palavra quando se quer evitar a ambiguidade: igualdade formal, igualdade material.

### 2.3 Vozes sociais e dialogismo

Por outro lado, esse valor, esse acento, é determinado pelas vozes sociais presentes no enunciado. Estas vozes, que participam do grande diálogo social, não correspondem diretamente (ao menos na atualidade) às classes sociais, devido à complexidade das relações sociais contemporâneas e da tentativa das classes dominantes de apagar a luta de classes. Há pouco tempo, inclusive, negava-se com veemência a prevalência da divisão da sociedade em classes. No entanto, muito embora não correspondam a classes específicas, as vozes sociais relacionam-se a lutas, a confrontos entre grupos dominados e grupos dominantes. Isso porque as relações sociais são relações de poder. Assim, é possível dizer que:

Os conflitos entre grupo dominante e grupo dominado manifestam-se por tensões no uso da língua. Dessa maneira, "os diversos grupos em conflito na sociedade puxam a língua para si, assim como se puxa o cobertor para si" (YAGUELLO, 1978, p. 70), fato que justifica a atribuição de diferentes valores a uma mesma palavra. (BOENAVIDES, 2019, p. 5).

O dialogismo, inerente à linguagem, depende de tais vozes, uma vez que a partir delas é que existem os índices sociais de valor. O dialogismo é dado pelo fato de que, através de um enunciado, os enunciadores respondem, confrontam, contestam outros enunciados, que podem possuir a mesma ou outras tonalidades, podem estar impregnados por diversas vozes sociais, por diversos discursos anteriores.

## 2.4 A relação entre sociedade, variação e mudança linguística

Benveniste fala sobre a existência dessas classes enquanto responsável pela variação linguística:

Desta vez o homem se situa e se inclui em relação à sociedade e à natureza e ele se situa necessariamente em uma classe, seja uma classe de autoridade ou uma classe de produção. A língua, com efeito, é considerada aqui enquanto prática humana, ela revela o uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum. (BENVENISTE, 2003, p. 100-101).

A polissemia/pluriacentuação é, assim, também, uma forma de variação da língua. As diferenciações no interior da língua comum são as variedades linguísticas. O uso de tais variedades não se dá também sem luta ideológica. O signo é a arena onde se dá a luta de classes, disse Volóchinov (2017). E é a polissemia, advinda da pluriacentuação, o produto desta luta. A prevalência, a permanência e a estabilização de um sentido adotado por um grupo específico indicam os vencedores desse conflito. Isso porque

várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, **em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas**. O signo transforma-se no palco da luta de classes.

Essa **multiacentuação** do signo ideológico é um aspecto muito importante. Na verdade, apenas esse cruzamento de acentos proporciona ao signo a capacidade de viver, de movimentar-se e de desenvolver-se. Ao ser retirado da disputa social acirrada, o signo ficará fora da luta de classes, inevitavelmente enfraquecendo, degenerando em alegoria e transformando-se em um objeto da análise filológica e não da interpretação social viva. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112-113, grifo do original).

Podemos pensar em palavras cujos valores parecem encontrar-se estabilizados, mas que possuem um sentido totalmente contraditório à sua possível gênese. Talvez, se procurarmos em sua etimologia, remontaremos ao confronto entre vozes sociais. Reacionário, que remete à lei da física da ação e reação, atualmente possui nomeia aquele que é contrário à ação, ao progresso. Populismo, que hoje possui um sentido pejorativo, não mais indica o governo que age pelo povo, o que possivelmente advém da experiência social com governos populistas. Duas palavras que parecem não possuir uma pluriacentuação na atualidade (fora aquelas que conferem aspectos positivos ou negativos aos termos, não interferindo profundamente em seu sentido), embora o seu sentido pareça contraditório à sua explicação mais lógica.



## 2.5 A designação e o confronto entre vozes sociais

A designação, muitas vezes, expressa um confronto entre vozes. Dominados e dominadores se nomeiam mutuamente, uma vez que fazem parte da mesma corrente da comunicação discursiva:

A comunicação entre as classes (ou, nas sociedades coloniais ou semicoloniais, entre etnias) representa sempre uma situação crítica para a língua utilizada, seja ela qual for. [...] Por conseguinte, não existem mais palavras inocentes. Esse efeito objetivo de desvelamento rompe a unidade aparente da linguagem comum. Cada palavra, cada locução ameaça assumir dois sentidos antagônicos conforme a maneira que o emissor e o receptor tiverem de interpretá-la. (BOURDIEU, 2008 p. 27)

Exemplo desse antagonismo entre sentidos pode ser visto por meio de dois exemplos concretos, de duas designações bastante semelhantes. Durante a colonização das Américas, colonizadores e colonizados nomearam-se mutuamente. Os povos indígenas da América Central “foram chamados de canibais pelos espanhóis, uma deformação de caribe, palavra da língua dos Caraíbes das Antilhas, que significava algo como “corajoso” e que servia para designar esse povo<sup>3</sup>” (BOENAVIDES, 2019, p. 3). Os indígenas brasileiros, ao contrário, nomearam de “caraíbas” os colonizadores portugueses<sup>4</sup>, utilizando a palavra que possuía também o sentido de “curandeiro”, “de outro mundo”, “feiticeiro” em sua língua.

Atualmente, vê-se o conflito entre grupos sociais diversos manifestos através da pluriacentuação. A Marcha das Vadias, que ocorreu muitas vezes no Brasil até 2016, teve como estratégia ressignificar o termo opressor. Por outro lado, vemos seguidores do atual presidente da República utilizando a mesma estratégia, antes vista como partícipe da ação militante de grupos de esquerda. São chamados de “robôs”, de “caixa 2”, de “laranjas” e lançam *hashtags*, assumindo tal nomeação, revalorizando tais termos, talvez pensando que assim é possível neutralizar as palavras de todo o seu conteúdo crítico.

Benveniste afirma que:

Poderia descrever este fenômeno como uma apropriação por grupos ou classes do aparelho de denotação que é comum a todos. Cada classe social se apropria dos termos gerais, atribui a eles referências específicas e os adapta assim à sua própria esfera de interesse e freqüentemente os constitui com base em derivação nova. Por sua vez, estes termos, carregados de valores novos, entram na língua comum na qual introduzem as diferenciações lexicais. (BENVENISTE, 2003, p. 102)

<sup>3</sup> Exemplo retirado de Calvet (1974).

<sup>4</sup> Exemplo dado pelo Prof. Dr. Eduardo Guimarães no curso livre “O tratamento da designação sob as perspectivas da Semântica Histórica da Enunciação e da Semântica do Acontecimento”, no PPG Letras-UFRGS entre 4 e 6 de junho de 2019.

Esta apropriação, todavia, é vista com maior nitidez em contextos em que as contradições sociais se tornam antagônicas e, por isso, mais evidentes, embora nunca deixem de ocorrer. Como dito anteriormente, a contradição é o que move a história e, portanto, em todas as sociedades, mesmo nas mais igualitárias, vai sempre existir alguma contradição. Se na linguagem o “eu” precisa de um “tu”, um enunciado só pode ser compreendido em relação dialógica com outros enunciados, uma significação (elemento reiterável da comunicação) não existe sem um tema (único), não é apenas o antagonismo social que faz com que a pluriacentuação seja possível. No entanto, neste trabalho, analisaremos a presença de tal antagonismo, dado no confronto entre vozes sociais no interior do signo linguístico.

### 3. A polissemia da palavra “balbúrdia” no Brasil em 2019

É possível dizer que a polissemia da palavra “balbúrdia” no contexto brasileiro em 2019 ocorreu devido a um confronto entre diferentes vozes sociais. A partir do enunciado proferido pelo ex-Ministro da Educação, Abraham Weintraub, de que “universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas” (ESTADÃO, 30/04/2019), foi desencadeado um diálogo, em que são possíveis de serem verificadas duas vozes: aquelas favoráveis aos cortes na educação e as contrárias a estes cortes.

Analisemos o primeiro emprego da palavra, por Weintraub. Em sua coletiva vinculada em diversos veículos da imprensa nacional, como o jornal Estadão de 30 de abril de 2019 (Figura 1), o Ministro afirmou que “Universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas”. A palavra balbúrdia parece receber um valor diferente do que normalmente conhecemos já neste primeiro uso. Além do sentido de “confusão”, “algazarra”, temos a valorização de balbúrdia enquanto contestação. Podemos depreender isso a partir da explicação e dos exemplos apresentados por Weintraub, que afirmou que os cortes ocorreriam porque universidades teriam permitido que acontecessem em suas instalações eventos políticos, manifestações partidárias ou festas. “A universidade deve estar com sobra de dinheiro para fazer bagunça e evento ridículo” (ESTADÃO, 30/04/2019). Segundo a reportagem, o Ministro ainda deu exemplos do que considera balbúrdia: “Sem-terra dentro do câmpus, gente pelada dentro do câmpus” (ESTADÃO, 30/04/2019).

O uso da palavra balbúrdia pelo ex-Ministro para defender os cortes nas universidades públicas talvez tenha causado tanto alvoroço justamente por não ter sido utilizado de acordo com a sua significação habitual, carregando consigo um tom censurador, que tinha como alvo os estudantes com posicionamentos políticos diversos ao seu. Isso é visto em seus exemplos: “Sem-terra” e “gente pelada”, colocados em um paralelismo semanticamente forçado.

Já no enunciado da própria reportagem, vemos uma outra valoração do vocábulo analisado. A palavra balbúrdia, empregada pelo Ministro, é colocada na manchete da notícia (Figura 1): “MEC cortará verba de universidade por ‘balbúrdia’ e já enquadra UnB, UFF e UFBA” (ESTADÃO, 30/04/2019).

BOENAVIDES, D. L. P. *Balbúrdia: a polissemia enquanto interpretante do confronto entre vozes sociais*. Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

Provavelmente, não foi sem motivo que esta palavra específica foi retirada de seu texto principal, como citação direta, entre aspas. Há uma crítica ao uso dessa palavra para justificar os cortes na educação, que permeia o seu uso, apenas pelo uso das aspas. Vemos aí o segundo acento avaliativo que foi dado à palavra balbúrdia, embora de forma sumária.

Figura 1: Notícia sobre os cortes na educação

The image shows a screenshot of a news article from the website Estadão. The URL in the browser address bar is <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba.70002809579>. The article title is "MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia' e já enquadra UnB, UFF e UFBA". The author is Renata Agostini, and the date is 30 de abril de 2019 | 03h00. The article text states that the Ministry of Education (MEC) will cut resources for universities that do not meet expected academic performance, and the word "balbúrdia" was used by Minister Abraham Weintraub. Three universities have been included in these criteria: Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal Fluminense (UFF), and Universidade Federal da Bahia (UFBA). A sidebar on the right lists "DESTAQUES EM EDUCAÇÃO" with three items: "Prefeitura de SP lança novo indicador de qualidade de ensino", "Secretário municipal de Educação em SP é exonerado", and "MEC tenta excluir perfil de Weintraub na Wikipédia alegando 'interpretações dúbias'".

Fonte: Estadão, 30/04/2019.

No dia seguinte à notícia citada, em 1º/05/2019, na Universidade Federal Fluminense (UFF), a frase "não somos balbúrdia" foi projetada em um dos prédios do campus Gragoatá. Neste uso, houve uma resposta direta à fala do Ministro da Educação. Houve uma valoração do seu emprego anterior, mas não se observa uma reavaliação.

Figura 2: Frase "não somos balbúrdia" projetada em um dos prédios da UFF



Fonte: O Dia, 1º/05/2019

Logo após tais acontecimentos, circularam nas redes sociais inúmeros *memes*, tirinhas, imagens, *hashtags* e fotos com legendas, os quais acentuavam de maneira diversa a palavra "balbúrdia". Um exemplo é a tirinha do personagem Armandinho, publicada em sua página do Facebook no dia 30/04/2019 (Figura 3). Na tirinha, vê-se Armandinho lendo no jornal a manchete da notícia citada e perguntando ao seu pai "o que é balbúrdia?". O pai do personagem responde que balbúrdia "é um pretexto". Esta contrapalavra, embora breve, traz consigo inúmeros sentidos, sendo, também, polissêmica. A balbúrdia pode ser vista como: a) um pretexto para o corte de verbas para as universidades públicas; b) um pretexto para se proibir a discussão política nas universidades; c) um pretexto para o fechamento ou para a privatização das universidades federais, defendidos por discursos anteriores do governo bolsonarista.

Figura 3: Armandinho e a balbúrdia



Fonte: Facebook

15 dias após a publicação da declaração do ex-Ministro da Educação, ocorreram pelo país a fora inúmeros protestos, os quais por si só já significariam uma resposta ao xingamento proferido por Weintraub. No entanto, entre as estratégias utilizadas pelos manifestantes, estava a produção de cartazes com uma nova explicação da palavra "balbúrdia". "Balbúrdia é brincar com o desenvolvimento científico", dizia um cartaz de uma manifestante em Santa Catarina (Figura 4). "Balbúrdia é o governo Bolsonaro", dizia outro (Figura 5). Nestes casos, a balbúrdia designaria as ações do MEC e o próprio governo de Bolsonaro.

Figura 4: Cartaz em Santa Catarina, 15/05/2019



Fonte: Facebook

Figura 5: Cartaz em São Paulo, 15/05/2019



Fonte: Facebook

A manifestação do dia 15 de maio, também conhecida como 15M, foi noticiada por vários jornais brasileiros. Escolhemos mostrar como o mesmo jornal citado anteriormente, o Estadão, relatou tal acontecimento (Figura 6). Com a manchete: “Entenda o que levou a ‘balbúrdia’ às ruas de todo o país”, vemos, novamente, o destaque para a palavra balbúrdia, desta vez empregada com o sentido dado pelos estudantes presentes nas manifestações. O jornal, por meio deste uso, parece vincular-se às vozes sociais contrárias aos cortes. A jornalista responsável pela matéria (e também pela anterior) utiliza novamente o termo entre aspas. No entanto, ao dizer que a balbúrdia foi levada às ruas, dá ao termo um valor diferente do anterior. Como não é difícil pensar, não foi propriamente a balbúrdia que foi às ruas manifestar, e sim, os estudantes contrários ao discurso do Ministro da Educação. A palavra balbúrdia, neste caso, designa os manifestantes que foram às ruas.

Figura 6: Notícia sobre protestos de 15 de maio de 2019

https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,entenda-o-que-levou-a-balburdia-as-ruas-de-todo-o-pais,70002830399

ESTADÃO Política

## Entenda o que levou a 'balbúrdia' às ruas de todo o País

Ministro Abraham Weintraub havia dito, em entrevista ao 'Estado', que cortaria verbas de universidades federais que promovessem 'bagunça' ou 'evento ridículo'

Renata Agostini, O Estado de S.Paulo  
15 de maio de 2019 | 18h51

BRASÍLIA – As ruas do País foram tomadas nesta quarta-feira, 15, por estudantes e manifestantes **contrários ao bloqueio de recursos no orçamento da educação** ([acompanhe os protestos pelo Brasil aqui](#)). Diversas faixas usavam a palavra “**balbúrdia**” para protestar contra o governo. “Balbúrdia é cortar o dinheiro da educação”, dizia faixa em São Paulo. “Balbúrdia é teu governo”, dizia cartaz no protesto em Salvador. Em Vitória, estudantes promoveram a “Mostra Balbúrdia Universitária”.

**DESTAQUES EM POLÍTICA**

'O senhor tem contas no exterior?', pergunta Gleisi a Moro, que responde: 'Não sou eu o investigado por corrupção'

O último erro de Greenwald

'Absolutamente

Fonte: Estadão, 15/05/2019.

Destacamos que enunciados em resposta à “balbúrdia” do Ministro da Educação continuam sendo produzidos, fato que impede uma análise que se encerre. A palavra vem sendo empregada como designação para pesquisa acadêmica, atividades acadêmicas, escândalos do governo bolsonarista, e, também, para o próprio governo e para os estudantes. No entanto, parece que a palavra foi “sequestrada” do vocabulário do ex-Ministro da Educação e dos apoiadores dos cortes. Seus múltiplos usos pelas vozes sociais que desaprovam os cortes talvez tenham restringindo suas possibilidades de uso.

#### 4. Considerações Finais

A análise de alguns exemplos do fenômeno da polissemia enquanto confronto entre vozes sociais nos dá o caminho para perceber as relações entre linguagem e sociedade e para analisar a questão, ainda debatida atualmente, de se a linguagem é capaz de transformar a realidade social. A reavaliação da palavra “balbúrdia” por integrantes de movimentos estudantis brasileiros, em resposta ao seu uso pelo Ministro da Educação bolsonarista pode ser analisada ainda enquanto estratégia de resistência contra o discurso conservador da atualidade brasileira.

As contradições sociais não se encerram em um ou outro enunciado. Devem ser observadas através do diálogo travado entre as diferentes vozes sociais. Acreditamos que analisar a polissemia e a pluriacentuação possa revelar como tais contradições são descritas (refletidas) e interpretadas (refratadas) pela linguagem e na linguagem. A linguagem é um interpretante desse confronto. Os sentidos, as estratégias utilizadas pelos enunciadore, o silêncio, as respostas, as múltiplas vozes sociais inscritas nos enunciados são os reflexos dos confrontos que perpassam a linguagem.

#### Referências

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do russo por Paulo Bezerra. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BOENAVIDES, Débora Luciene Porto. **Ressignificar e resistir: a Marcha das Vadias e a apropriação da denominação opressora**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e48405, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar Quer Dizer**. Prefácio Sergio Miceli. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008

BOENAVIDES, D. L. P. *Balbúrdia: a polissemia enquanto interpretante do confronto entre vozes sociais*.  
Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

CALVET, Louis-Jean. **Linguistique et colonialisme: petit traité de glottophagie**. Paris: Payot, 1974.

ENGELS, Federico. **Anti-Dühring**. La revolución de la ciencia por el señor Eugen Dühring. Colección Clásicos Del Marxismo. Madrid: Fundación Federico Engels, 2014.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio Introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

### **Notícias, memes etc.**

Estadão, 30/04/2019. Disponível em:  
<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>

Estadão, 15/05/2019. Disponível em:  
<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,entenda-o-que-levou-a-balburdia-as-ruas-de-todo-o-pais,70002830399>

O Dia, 1º/05/2019. Disponível em:  
<https://odia.ig.com.br/brasil/2019/05/5638622-mec-recua-de-punir-universidades-por--balburdia--e-propoe-corte-linear.html#foto=1>

Enviado em: 15/junho/2020 | Aprovado em: 18/agosto/2020